



Como estou cuidando de mim? Corpo, gênero e orientação sexual de jovens estudantes de escolas públicas na cidade de Recife - PE¹

How am I taking care of myself? Body, gender and sexual orientation of young students from public schools in the city of Recife-PE

Luciana de Araújo FRANCISCO²
Natalí da Silva de OLIVEIRA³
Eduardo FONSECA⁴

Resumo: A comunicação oral denominada *Como estou cuidando de mim? Corpo, gênero e orientação sexual de jovens estudantes de escolas públicas na cidade de Recife*, PE é um projeto de extensão universitária realizado com alunos(as) do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II. O projeto tem como objetivos contribuir para que esses(as) jovens: (i) protejam-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores; (ii) conheçam e adotem práticas de sexo seguro e protegido, desde o início do relacionamento sexual, evitando contrair ou transmitir infecções sexualmente transmissíveis (IST's), inclusive HPV e AIDS; (iii) evitem gravidez indesejada; (iv) respeitem a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos a corpo, gênero e sexualidade. Adotamos os princípios das intervenções socioeducativas que visam ao empoderamento e à autonomia dos sujeitos e a conscientização dos atores sociais envolvidos, estimulando a autonomia e o protagonismo social. Pretendemos apresentar os primeiros resultados dessa intervenção socioeducativa.

Palavras-chave: Corpo. Gênero. Sexualidade. Adolescentes.

Abstract: The oral communication called "How am I taking care of myself? Body, gender and sexual orientation of young students from public schools in the city of Recife- PE" is a university extension project carried out with students from the 6th to the 9th grade of basic education. This project aims to help these young people: (i) to protect themselves from coercive or exploitative sexual relationships; (ii) to know and adopt safe and secure sex practices from the beginning of sexual intercourse, avoiding contracting or transmitting sexually transmitted infections (STIs), including HPV and AIDS; (iii) to prevent unwanted pregnancy; (iv) to respect the diversity of values, beliefs and behaviors related to body, gender and sexuality. We adopted the principles of socio-educational interventions that aim to improve empowerment and autonomy of the subjects and the awareness of the social actors involved, stimulating autonomy and social protagonism. We intend to present the first results of this socio-educational intervention.

Keywords: Body. Gender. Sexuality. Adolescents.

<https://dx.doi.org.10.24024/2357-9897v27n2a2018p25032>

¹ Este artigo é derivado de um trabalho de extensão existente na Faculdade Frassinetti do Recife, vivenciado pelos autores citados.

² Graduanda em Psicologia pela Faculdade Frassinetti do Recife | FAFIRE | E-mail: lucianaarafran@hotmail.com

³ Graduanda em Psicologia pela Faculdade Frassinetti do Recife | FAFIRE | E-mail: oliveiranataly27@gmail.com

⁴ Psicólogo pela UNICAP | Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco | UFPE | professor da FAFIRE e orientador da pesquisa | E-mail: edufafire@gmail.com

Introdução

Este artigo tem como proposta apresentar uma experiência desenvolvida em um projeto de extensão universitária que nos permitiu proporcionar um discurso socioeducativo no qual se pôde trabalhar a reflexão dos adolescentes, como também desenvolver um espaço de troca, saber e construção mútua de conhecimento e posicionamentos sociais. Essa experiência contemplou aspectos importantes, como o de buscar contribuir para o despertar desses adolescentes, no que se refere à consciência crítica e à tomada de decisões a respeito de seu próprio corpo, suas relações com o outro dentro de sua diversidade de ser e estar no mundo e sua sexualidade, pautados no respeito e nos valores, crenças e comportamentos.

O projeto se desenvolveu em turmas do 6º ao 7º ano do Ensino Fundamental II, e teve duração de dois semestres consecutivos, em uma escola pública do Recife, com a presença de 1 monitora e 30 voluntários por semestre, graduandos e pós-graduandos, organizados da seguinte forma: 6 a 7 voluntários, acompanhados da monitora, diariamente direcionavam as discussões dentro de sala de aula, de segunda a quinta. Os alunos eram meninos e meninas e tinham, em média, de 11 a 19 anos. Ao longo dos semestres de 2016.2 e 2017.1, foram aproximadamente 384 alunos atendidos, em sua maioria moradores da periferia da grande Recife. Observa-se uma grande desigualdade socioeconômica, reproduzindo, muitas vezes, em suas falas, conteúdos trazidos de seu contexto familiar e social.

Nos debates em sala, foi possível obter a participação dos alunos durante as exposições. Como metodologia, trazemos uma pesquisa documental, tendo como referências principais Cássia Carloto *et al* (2000), Andreia Barreto *et al* (2009) e Guacira L. Louro (1998), que nos ofereceram um suporte nas questões relacionadas ao corpo, gênero, sexualidade e educação. Para enriquecer o artigo, também usamos de metodologia exploratória, através de vídeos, oficinas, dinâmicas, exposições dialogadas e debates relacionados às temáticas. Os alunos tinham a oportunidade de expor suas opiniões e vivências acerca das temáticas: gênero, corpo e orientação sexual, corroborando discussões no campo da feminilidade e da masculinidade. Dessa forma, foi importante resgatar os temas que envolvem o amadurecimento dos adolescentes, o conhecimento de seu corpo e a sua relação com a sexualidade.

Discussões, dinâmicas e atividades

Por meio de oficinas, vídeos e debates acerca das três diretrizes do projeto: corpo (higienização e cuidados), gênero e orientação sexual, diariamente construímos conhecimento com base em tais temáticas. Os diálogos ocorriam a partir dos conhecimentos já adquiridos pelos alunos, fundamentados nas suas experiências e construções subjetivas em referência às concepções de relação de gênero, métodos contraceptivos, primeira

relação sexual, IST's⁵, diversidade sexual. O objetivo era contribuir para que os estudantes conhecessem e reconhecessem seu corpo, bem como valorizassem e preservassem sua saúde sexual; reconhecessem como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra possíveis discriminações quanto à diversidade sexual, ou explorações a elas associadas; e fossem orientados no que diz respeito aos métodos contraceptivos, evitando a gravidez indesejada, e prevenindo IST's, inclusive HPV e AIDS.

No eixo de orientação sexual, discutimos acerca do curta metragem *Medo de quê?*⁶, com o objetivo principal de promover a reflexão crítica em torno da diversidade sexual em nosso cotidiano. As intervenções socioeducativas visavam à autonomia dos sujeitos e à conscientização dos atores sociais envolvidos, estimulando o protagonismo social, a fim de contribuir para que os jovens tenham criticidade nas tomadas de decisões responsáveis a respeito do seu corpo e sua sexualidade, e fomentar o respeito à diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos a corpo, gênero e sexualidade.

Os desafios foram trabalhar a desconstrução dos estigmas e preconceitos voltados a tais temas, levando em consideração que nosso objetivo não era desconstruir nenhum pensamento ou subjetividade dos atendidos, mas promover a capacidade de dialogar, de ouvir a opinião do outro, e assim serem formadores de opinião. Os jovens também se reconheceram capazes de estabelecer um pensamento crítico com relação às vivências sociais associadas às temáticas, capazes de reconhecer o outro como diferente de si, e possuidor de concepções próprias em sua singularidade, e que suas ações influem no bem-estar do outro, que se afeta e deixa-se afetar no convívio das relações sociais em nosso dia a dia.

Gênero, sexualidade e corpo

Conforme Giddens (2012), entende-se gênero a partir das diferenças psicológicas, sociais e culturais entre os indivíduos do sexo masculino e feminino, tendo associação direta com as noções construídas pela sociedade relativas ao conceito de masculinidade e feminilidade, não sendo diretamente produto ligado ao sexo biológico de nascença do indivíduo, pois muitas diferenças de gênero a ele atribuídas não são de origem biológica.

Na ótica de Saffioti, as relações de gênero refletem concepções de gênero internalizadas por homens e mulheres.

Eis porque o machismo não constitui privilégio de homens, sendo a maioria das mulheres também suas portadoras. Não basta que um dos gêneros conheça e pratique atribuições que lhes são conferidas pela sociedade, é imprescindível que cada gênero conheça as responsabilidades do outro gênero (COSTA; BRUSCHINI, 1992, p. 2).

⁵ IST's - infecções sexualmente transmissíveis.

⁶ Instituto Promundo; Instituto do Papai, JAH comunicações-Brasil, 2005.

Na prática, vimos exemplos desses estigmas de papéis nas relações de gênero, pois, por meio das discussões acerca das oficinas, as meninas designavam ao homem o dever de ter e usar o preservativo, atribuindo ao parceiro a responsabilidade por sua saúde sexual e responsabilidades gestacionais. Elas possuem vergonha de ter, apresentar e conversar com o outro sobre tais métodos.

Observamos também meninas que contribuíam para um pensamento pró-machista, já que elas mesmas afirmaram que mulheres têm que se dar o valor. Usar roupa curta, por exemplo, caracterizaria uma ausência de moral feminina, enquanto outras diziam que as atribuições das tarefas domésticas e o cuidado com os filhos seriam responsabilidades femininas, e não masculinas.

Os meninos apresentavam como responsabilidades ser provedor da casa e da família, obtendo também o poder de mandar e desmandar no outro. Exemplo disso foi a fala seguindo o modelo social do patriarcado, quando perguntávamos se menino pode brincar de boneca, quase sempre ouvíamos que não, que o menino que brinca de boneca fica “afeminado” e se torna *gay*!

A temática também foi muito importante para desconstruir algumas ideias já formadas pelos alunos sobre a questão do corpo, como orientações higiênicas e mitos sobre masturbações masculinas e femininas. Entretanto, o que mais chamou a atenção foram as questões voltadas para IST's, a respeito das quais eles não tinham praticamente nenhum tipo de informação, e para a saúde pública a adolescência assume grande relevância, tendo em vista que é nessa fase que se iniciam as práticas sexuais. Sendo assim, os adolescentes estão mais vulneráveis no que se refere às infecções sexualmente transmissíveis, gestação não planejada e aborto. A consequência disso pode determinar implicações no campo moral desses adolescentes, que, diante de algumas situações, tem-se uma criança a cuidar de outra, obrigando-o (a) a amadurecer precocemente.

Segundo Barreto *et al.* (2009), a sexualidade é uma construção de processos contínuos não lineares, envolvendo aprendizado e reflexão, através não só desses fatores, mas também de outros, por meio dos quais elaboramos uma percepção acerca de quem somos. Ao nascer são adquiridas algumas características biológicas; mas todo o resto vai sendo construído e formado ao longo da vida. Por isso encontramos tanta diversidade nas expressões da sexualidade humana, estando também relacionada às formas que vivemos e exprimimos publicamente nossas afetividades.

A partir daí, podemos pensar e refletir acerca do que é a sexualidade e de como se faz importante essa construção de conhecimentos críticos relacionados ao tema, para assim conhecer melhor a si, ao outro e à gama das diferentes formas de diversidade humana. Ouvíamos falas do tipo: “Vai falar de sexo né, tia?” “Ah! Eu já sei de tudo” (muitas vezes partindo dos meninos). Porém, após algumas interrogações, percebíamos que era esperado que o menino soubesse mais do que a menina, pois assim era previsto pela sociedade que restringia sexualidade a sexo.

Sobre as diferenças corporais e sexuais entre homens e mulheres, orientação e diversidade sexual, expectativas e cuidados relacionados não só à primeira relação sexual,

mas à prática sexual e prevenção sobre IST's, coletávamos as informações prévias buscando não intervir ou influenciar nas respostas, para que posteriormente fosse possível, juntos, fazermos a reflexão, na qual o ponto de vista de outros alunos também era apresentado, e nós, como facilitadores, direcionávamos essas discussões.

No eixo das diferenças sexuais, observávamos alguns estigmas como: “Menino é mais pegador”, “Menino sente mais prazer”. Alguns meninos diziam que meninas sentiam mais prazer, mas que eles é que possuíam o despertar maior da sexualidade, que “Menina que ‘pega’ mais de um em uma balada não é menina de respeito”; já “Menino que pega várias é ‘normal’ e é o esperado”. Observamos, assim, a construção dos padrões sociais estabelecidos no que tange à masculinidade. Ainda no eixo sexualidade, iniciávamos os debates com a pergunta: opção ou orientação sexual? O mais comum era ouvirmos o termo opção sexual.

Nessa perspectiva, Letícia Lanz destaca que

Orientação sexual está relacionada ao desejo erótico-afetivo de uma pessoa: com quem ela gosta de namorar e/ou fazer sexo... na nossa cultura ocidental, a orientação sexual da pessoa é tida como um atributo umbilicalmente atrelado ao seu sexo genital e, naturalmente, ao gênero que lhe foi atribuído ao nascer em razão da sua genitália. Em outras palavras, quem nasce macho, ou seja, com um pênis, é naturalmente classificado como homem e tem-que-ter atração erótico-afetiva por mulher. Quem nasce fêmea, isto é, com uma vagina, é naturalmente classificada como mulher e tem-que-ter atração erótico-afetiva por homem. Nenhuma outra possibilidade de combinação entre sexo, gênero e orientação sexual é plenamente aceita e legitimada, ainda que seja mais tolerada no mundo atual (LANZ, 2014, p. 41).

Apresentamos também as siglas LGBTTTI (lésbicas, gays, travestis, transexuais, transgêneros e intersexual) e observamos que algumas siglas eram mais conhecidas por eles, enquanto outros termos, como intersexo, eram novidade entre eles. Observamos ainda que alguns conceitos eram conhecidos por eles de forma mais popular, e não coincidiam com a real definição, como o exemplo do que seria travesti, que muitas vezes era para eles transexuais, ou que apenas homem poderia se transvestir de mulher.

Houve até o caso de uma menina evangélica que demonstrou interesse nas temáticas como sendo algo novo para ela, muitas vezes fazendo questionamentos relacionados à sua religião, e que ao conhecer a diversidade das siglas nos perguntou: “Mas existe tudo isso, e eu, o que sou? Também quero poder dizer o que sou e não vejo aí” (apontando para o quadro onde estavam escritas as definições de cada sigla). Por vontade própria ela citou que era menina e “gostava” de menino e queria saber o que era. Quando apresentamos a ela a palavra heterossexual, ela se reconheceu e feliz gritou pra seus amigos “Eu sou hétera, eu sou hétera!”.

Observamos também falas do tipo “Meu filho tem que ser homem; se não for, coloco para fora de casa”, atribuindo a orientação sexual *gay* como não sendo pertencente ao papel social de homem, mas também não sendo mulher, mas, subjugado, e inferior à categoria masculina.

O projeto e seus conflitos

Muitos dos temas trazidos eram vistos como tabus, e notou-se um interesse muito grande nos adolescentes quando o tema era relacionado a conhecer o próprio corpo, relações de gênero, diversidade e orientação sexual, assim como questões acerca da iniciação sexual. Percebeu-se também um preconceito no que tange à homossexualidade, através de frases ditas em sala, como: “Se eu tivesse um filho gay, botava para fora de casa e dava uma surra de cinta!”. “Não ando com *gay*, para não virar *gay*!”, “Deus fez o homem para a mulher e a mulher para o homem!”.

Diante dessa escuta, foi trabalhado, no debate, o direito à liberdade da orientação sexual e da expressão de gênero, assim como também a importância do respeito ao próximo. A partir dessas discussões, foram abordadas situações vivenciadas pelos adolescentes na rua, na escola ou em casa. Eles puderam trazer relatos reais, sobre os quais todos opinaram, e analisaram questões relacionadas a brincadeiras, profissões, ou ao andar na companhia de alguém que tem uma orientação diferente da sua. Um dos conflitos encontrados foi reter a atenção desses jovens e obter uma comunicação clara para que nos fizessemos entender, para que o diálogo fluísse de forma recíproca entre os alunos e nós, que estávamos ali para construir conhecimento junto com eles. Segundo Louro (1998), foi preciso experimentar e vivenciar árduas disputas para que se comesçassem a romper o gueto dos núcleos ou grupos de estudos “de mulher” para “gênero” e o conceito adquirisse um novo estatuto.

De acordo com a visão e os estudos de Scott (1995), analisamos o que contribui para elucidar que, quando discutimos a respeito dos papéis femininos e masculinos na sociedade, não estamos colocando homens e mulheres em oposição, mas aprofundando a necessidade de desconstruirmos a supremacia do gênero masculino sobre o feminino, na direção de uma igualdade política e social, que inclui não somente o sexo, mas também a classe e a raça.

De acordo com Louro (op. cit.), relacionada, a princípio, às distinções biológicas, a diferença entre os gêneros serviu para explicar e justificar as mais variadas distinções entre mulheres e homens. Teorias foram construídas e utilizadas para “provar” distinções físicas, psíquicas, comportamentais; para indicar diferentes habilidades sociais, talentos ou aptidões; para justificar os trabalhos sociais, as possibilidades e os destinos “próprios” de cada gênero. O Movimento Feminista vai, então, ocupar-se dessa diferença e de suas consequências.

Diferentemente da identidade de gênero, os papéis de gênero são as formas de manifestação ou representação social de ser macho ou fêmea. Compreendendo que as formas de manifestações desses papéis são produtos de construção social constituídos em modos de subjetivação distintos, mantínhamos sempre o respeito à opinião alheia. Direcionando a todos o papel de escutar e compreender a singularidade do outro, acreditamos na função do conhecimento. Portanto, esclarecíamos que se respeitavam todas as opiniões e não existia uma única correta, mas que precisávamos entender também o conhecimento científico.

Há que se considerar, nesse contexto, que a iniciação sexual não pode ser entendida simplesmente como a primeira relação sexual, porque, antes disso, um parceiro deve estar disposto a permanecer com o outro em diversas situações, mas como um processo que envolve fortemente as relações de gênero, moldadas pelo próprio significado atribuído culturalmente à sexualidade. Com relação às siglas LGBTTI, eles tiveram o espaço para tirar dúvidas e compreender as novas formas de se relacionar no mundo, a importância do respeito e do apoio, como também diferenciar o que é ou não preconceito.

A partir daí, foi possível perceber como as jovens de hoje encaram o desafio de se colocar diante da sociedade, e como elas percebem a forma com que são vistas. É necessário desconstruir uma visão imposta pela sociedade em relação a meninas e meninos, apesar das questões implícitas no cotidiano desses(as) adolescentes, para que, aos poucos, possam vivenciar suas próprias histórias, e construir seus saberes e experiências, para assim participarem significativamente da construção de uma identidade de gênero prazerosa e ressignificarem a sua própria história.

Considerações finais

Diante do contexto apresentado, foi possível observar que o projeto foi muito positivo e tornou-se de grande contribuição para o saber dos adolescentes, levando em consideração que existe uma deficiência de informação no que tange aos temas abordados, dentro da própria família e da rede pública de ensino. Acreditamos que este projeto trouxe uma experiência única, tanto para os responsáveis pelo trabalho como para os alunos.

É importante contemplar essa demanda, e trabalhar a partir de uma posição crítica e ética, para que todos possam se encontrar dentro de sua própria história. Para isso, entrevistou-se de modo a questionar esses conceitos, e, como resultado, foi observado que os alunos repensaram e construíram um novo pensamento crítico de que homossexualidade não é doença, que não determina caráter, nem é um fator discriminatório, ou que justifique que se pratiquem atos de violência, seja ela qual for, e que, dentro de sua diversidade, o ser humano deve possuir direitos iguais, independentemente da orientação sexual, da mesma forma que as questões de corpo e sexo, e que não se faz necessário aceitar, mas respeitar a diversidade.

Consideramos que, no geral, alcançamos o objetivo inicial do projeto. Para a maioria da turma, esses pensamentos, antes tidos como absolutos, foram repensados e revistos. Já para alguns outros alunos, observamos que se enrijeceram contra qualquer abertura de conhecer o que passávamos, como se a verdade deles fosse absoluta e tão forte que nenhuma outra pudesse penetrar esse muro que eles mantinham em relação a nós, podendo, muitas vezes, ter distorcido o conhecimento, por não terem apreendido ou não terem escutado, ou nem se permitido participar do processo.

Discutir as questões de gênero hoje significa ampliar o olhar para o respeito ao outro, e visa ao direito de igualdade nas relações, além de levar o sujeito a uma desconstrução

dos estereótipos criados pela sociedade atual. Esperamos que as reflexões discutidas em sala possam ter contribuído para reverter preconceitos, para que seja cultivado o respeito entre as pessoas.

Referências

- BARRETO, Andreia; ARAÚJO, Leila; PEREIRA, Maria Elisabete *et al.* **Gênero e diversidade cultural nas escolas**: livro de conteúdo. Rio de Janeiro, CLAM/IMS/UERJ, 2009.
- CARLOTO, Cássia Maria. O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais. **Revista do Rio Grande do Sul**, v. 25, n. 1, p. 54-87, jan/jul, 2000. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v3n2_genero.htm>. Acesso em: 11 jul. 2017.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Lisboa: Editora Penso, 2012.
- LANZ, Leticia. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1998.
- SAFFIOTI, H. I. B. Rearticulando gênero e classe social. *In*: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (Orgs.) **Uma questão de gênero e saúde**. São Paulo: Rosa dos Ventos, 1992.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-100, jul. /dez. 1995.

Recebido em: 07.08.2018

Aprovado em: 04.09.2018

Para referenciar este texto:

FONSECA, Eduardo; FRANCISCO, Luciana de A.; OLIVEIRA, Natalí de. Como estou cuidando de mim? Corpo, gênero e orientação sexual de jovens estudantes de escolas públicas na cidade de Recife-PE. **Lumen**, Recife, v. 27, n. 2, p. 25-32, jul./dez. 2018.